

## Sexualidade feminina e fantasias de espancamento\*

Graciela Bessa  
Vera Lopes Besset

90

*Embora Freud, em 1919, no texto Uma criança é espancada tivesse o intuito de discutir a perversão masoquista, é possível abordá-lo em articulação à sexualidade feminina. A análise das fantasias de espancamento, principalmente o segundo tempo de sua construção, tem como propósito explorar o modo como a satisfação masoquista se instala, na sexualidade feminina, a partir da articulação entre a falta fálica e o complexo paterno. Essa articulação instala um modo de satisfação pulsional no inconsciente que direciona a escolha amorosa de algumas mulheres. Levanta-se a hipótese do “ser espancada” como uma versão da menina à sua questão, dirigida ao pai, sobre o que é ser uma mulher.*

**Palavras-chave:** Sexualidade feminina, fantasias de espancamento, satisfação masoquista, falta fálica, erotomania

\* Este texto refere-se à pesquisa de tese da autora, “O masoquismo é feminino: elementos para uma teoria da devastação em Freud”, em andamento, no Doutorado em Psicologia, IP-UFRJ, orientada pela co-autora e apoiada pela Capes (bolsa de doutorado) e pelo CNPq (bolsa PQ).

Freud iniciou sua aventura do inconsciente principalmente com a análise de mulheres. Paradoxalmente, a sexualidade feminina permaneceu, durante bastante tempo, um tema enigmático para a psicanálise. Inegavelmente, os textos “Sexualidade feminina” e “Feminilidade” são, na obra de Freud, os que mais aprofundam a discussão em torno desse tema. Embora o texto *Uma criança é espancada* tenha como objetivo discutir a perversão, como indica seu sub-título: *uma contribuição ao estudo das perversões sexuais*, é possível abordá-lo em articulação à sexualidade feminina. Pode-se observar que a análise das fantasias de espancamento presentes em mulheres permitiu a Freud explorar um tipo de satisfação pulsional que não é regida segundo os moldes do princípio do prazer.

Acompanhando Freud ao longo do texto *Uma criança é espancada*, percebe-se que as fantasias de espancamento não seriam resultantes de processos específicos de uma determinada neurose. Elas seriam produtos de processos de defesa ligados ao complexo paterno, freqüentes nas análises de sujeitos femininos e não estando ligadas a nenhuma estrutura subjetiva. Até chegarem ao seu enunciado final – “uma criança é espancada” –, passam por uma série de transformações. Primeiro, adquirem a forma: “o pai bate na criança que eu odeio”; depois evoluem para a forma: “o pai me espanca” e, finalmente, adquirem o enunciado geral “crianças estão sendo espancadas”. Essas transformações são modos diferentes de articulação entre o referente que se apresenta na figura do pai ou de seu substituto, a demanda de amor e o modo de satisfação pulsional. Isto quer dizer que essas transformações são de natureza econômica e, mais, denunciam um problema econômico no princípio do prazer.

Este texto se limitará à análise da primeira e da segunda fases de construção da fantasia de espancamento, na sexualidade

feminina, seguindo os passos de Freud, por meio de uma investigação minuciosa. Antes de prosseguir, é útil lembrar que nessa época Freud não havia elaborado nada ainda sobre a pulsão de morte. Conseqüentemente, pensava o desprazer sentido pelo eu, por ocasião da satisfação pulsional, como um efeito da operação do recalque. A condição para a satisfação do material recalcado era gerar desprazer no eu e não prazer. Isso quer dizer que não é o desprazer que engendra satisfação. Nesse texto, porém, é possível verificar uma outra relação entre recalque, satisfação pulsional e desprazer. Analisando as fantasias de espancamento em mulheres, Freud propôs uma outra satisfação sexual – indo mais além do princípio do prazer – no próprio funcionamento do inconsciente: o desprazer gerando satisfação sexual.

O interesse pelo texto “Uma criança é espancada” consiste em acompanhar a construção das fantasias de espancamento na sexualidade feminina tendo como hipótese o segundo tempo como uma das vicissitudes da menina em relação ao Penisneid. Ou seja, além das três saídas tão conhecidas e definidas por Freud em “Sexualidade feminina”, é possível demarcar uma quarta a partir das fantasias de espancamento. Portanto, as fantasias de espancamento, principalmente o segundo tempo de sua construção, serão analisadas com o objetivo de abordar um tipo especial de articulação entre a falta fálica, o complexo paterno e a satisfação masoquista na sexualidade feminina. Essa articulação instala um modo de satisfação pulsional no inconsciente, que direciona a escolha amorosa de algumas mulheres. O “ser espancada” é uma versão da menina à sua questão, dirigida ao pai, sobre o que é ser uma mulher.

É interessante, antes de analisar as fantasias de espancamento, refletir um pouco sobre algumas questões acerca da sexualidade feminina que poderão ajudar nesse objetivo. Iniciando pela constituição do falo e sua importância para a feminilidade, em seguida passando pela especificidade do fator pré-edípico, caracterizado na relação mãe-filha e terminando com o estudo da erotomania. Este último ponto se justifica porque o “ser amado” é substituído, através da regressão, por “ser espancado”. A relevância em precisar esses pontos nesse percurso em tornar-se mulher consiste no fato de que será com eles que as fantasias de espancamento serão interpretadas.

### **O falo na sexualidade feminina**

Há entre meninos e meninas uma diferença. Isso é inegável. Antes mesmo que se torne patente a cada um deles pelo sentido da visão, ela está no discurso. As crianças, na sua relação com o Outro, são introduzidas no conceito de

diferença por intermédio do jogo da presença e ausência. A diferença sexual realizando-se na eleição do enunciado: “é menino” ou “é menina”, não se baseia exclusivamente em dados anatômicos. Caso a escolha recaia sobre “é menino”, remete, principalmente, à significação do que é viril, de que assumirá as insígnias que definem o que é ser um homem no discurso ao qual está referido.

Imerso no mundo de linguagem, um bebê ao nascer é, antes de tudo, ou ele ou ela. Freud, de certo modo teve essa intuição. Preocupou-se em saber como o ter ou não ter pênis, esse dado da anatomia cuja aparição se dava no campo da imagem, era capturado no discurso e como servia de referente para os humanos se designarem ele ou ela. Tem-se um único referente, o pênis, produzindo duas significações. A existência, portanto, de duas classes sexuais depende de como cada um assume e se identifica com as significações: ter o falo ou ser castrado. Mesmo apoiando-se na anatomia, Freud insistiu em saber como esse dado anatômico rompe com a biologia e se inscreve como símbolo capaz de produzir significações.

O que concede ao pênis esse lugar privilegiado é sua característica fundamental, segundo Lacan, da tumescência e detumescência. Ela traz em si uma alternância que pode se escrever com a oposição de dois signos – (presente/ausente; +/ -) –, inaugurando sua função de símbolo. Sabe-se que a estrutura de linguagem é binária, os significantes funcionam numa relação de oposição um com o outro e a significação surge desse jogo combinatório entre eles. Segundo essa perspectiva o pênis não é apenas um apêndice a mais no corpo do menino; é um apêndice vivo, mexe-se e seu movimento é acompanhado por sensações de prazer. Um órgão que pode ser qualificado de caprichoso, porque altera de tamanho e causa sensações de prazer à revelia de uma “vontade” (Lacan, 1975).

É importante ressaltar essa formalização do falo que joga com a idéia de movimento do órgão, um órgão em ebulição. A princípio causa surpresa e enigma, mas de pronto o menino percebe que é um instrumento que lhe dá acesso ao prazer. A noção de falo aqui introduzida como instrumento de gozo diz respeito a um momento mais tardio da elaboração de Lacan.

No caso das meninas, o falo aparece no campo do desejo: “Talvez devêssemos identificar esse desejo do pênis como sendo, par excellence, um desejo feminino” (Freud, 1933, p. 158). Como é o significante que permite que se possa nomear o que não existe, o falo possibilita recobrir a privação com uma falta: é a presença da ausência de pênis na mulher. Ele é simbólico; sua função é de significante e sua especificidade, a de criar uma significação sexual no inconsciente.

A falta fálica interessa no presente estudo porque a hipótese a ser verificada mais adiante em relação a essas fantasias é a de que essa falta participa da transformação da primeira para a segunda fase da fantasia de espancamento.

### **Especificidade do fator pré-edípico na sexualidade feminina**

O vínculo mãe-filha, denominado de fase pré-edípica, denuncia que as meninas não são meninas desde o início. Nessa fase agem como meninos, têm a mãe como objeto de amor e extraem prazer da masturbação clitoridiana. Esse vínculo é tão intenso que é ele quem traça, na maioria das vezes, as diretrizes de como serão as relações amorosas posteriores da menina, iniciando por seu pai, podendo inclusive – é a hipótese levantada por Freud –, nem se desfazer e “um certo número de mulheres permanecerem detidas em sua ligação original à mãe e nunca alcançarem uma verdadeira mudança em direção aos homens” (Freud, 1931, p. 260). Ele observou também que, após o desligamento da menina em relação a sua mãe, esse período recai sob forte recalque. Mas por que mesmo uma menina teria que se desvincular de sua mãe? Qual seria o fator psicológico, poder-se-ia dizer desse modo, que desencadearia esse processo de afastamento e por que é acompanhado de sentimentos de hostilidade, ódio, ressentimento da parte da menina? Foram essas as questões com que Freud se deparou ao descobrir a fase pré-edípica.

94

Para responder a essas questões, Freud se viu com a tarefa de procurar um elemento que não fosse contingencial à vida da menina. Ele encontrou no complexo de castração esse elemento capaz de afastar a menina de seu primeiro objeto de amor. Por ocasião da visão do órgão masculino, elas se sentem inferiores e “caem vítimas da inveja do pênis” (Freud, 1925, p. 313). Ao contrário dos meninos, o instante de ver precipita nelas o momento de concluir; são privadas de pênis e se engajam no desejo de tê-lo um dia. Freud, quanto a isso, foi bastante claro na seguinte passagem: “(...) esta (inveja do pênis) deixará marcas indeléveis em seu desenvolvimento e na formação de seu caráter (...) continua a alimentar, por longo tempo, o desejo de possuir algo semelhante e acredita nessa possibilidade durante muitos anos” (ibid., 1933, p. 154). Mas isso não é suficiente para desalojar a mãe como portadora de falo. A princípio, toma esse fato como sendo pessoal: ela é que não tem, pois foi castigada. A menina só se afasta da mãe e passa a nutrir sentimentos de hostilidade para com ela ao descobrir que a castração é condição da feminilidade. A teoria infantil da mulher castrada só se funda, portanto, a partir da castração materna, ponto estrutural que organiza a relação do sujeito com o desejo, em ambos os sexos. Decepcionada com a mãe, por ela também ser privada de falo, dirige-se ao pai na esperança de obter dele o que supõe que lhe falta.

A menina, ao entrar no Édipo, além de trocar de objeto deve também trocar de zona erógena, do clitóris para a vagina. O clitóris funciona como um pequeno pênis, e o prazer a ele vinculado é qualificado como um gozo fálico.

Conforme foi visto, o pênis é um órgão que, devido às suas propriedades anatômicas, é capaz de produzir um tipo de satisfação sexual que ganha significação no inconsciente através do significante falo. Ao dizer que havia um desconhecimento da vagina, Freud quis dizer mais do que uma ausência de sensações orgânicas. Parece que a afirmação freudiana carrega em si a idéia de não ser possível a esse órgão anatômico, a vagina, ser capturado numa dialética simbólica, tal como acontece com o pênis. Falta a ele a possibilidade de estabelecer uma relação de presença/ausência, cuja conseqüência é a emergência do símbolo. Como não há um significante para inscrever a satisfação obtida pela vagina no inconsciente, essa satisfação não produz significação. A partir disso, levanta-se a hipótese de que haveria, no texto freudiano, uma pista de que o trocar de zona erógena não se refere exclusivamente a uma troca localizada no corpo, Freud aponta para essa direção ao afirmar que essa troca é facilitada pelas tendências passivas. Ao trocarem de zona erógena, as mulheres teriam acesso a uma satisfação que não possui uma significação no inconsciente. Portanto, o gozo vaginal, além de não ter uma significação, pois não existe um significante que o inscreva no inconsciente, é um gozo que se obtém através de fins passivos, de se fazer objeto de amor.

Seguindo as elaborações de Freud, inicialmente é o desejo de ter o pênis que sua mãe lhe recusou o que empurra a menina em direção ao pai. Mas o indicador de sua posição feminina está quando ela substitui o desejo de pênis pelo desejo de um bebê. A ligação com o pai comporta, então, duas vertentes: uma delas consiste em apagar a castração, uma vez que sob a demanda de amor está a demanda de ter um bebê/pênis para aplacar sua falta fálica. A outra, condição para que a anterior se realize, seria a de ser objeto de amor do pai, portanto, ser castrada, posição feminina por excelência.

Vale ressaltar que na época em que escreveu sobre as fantasias de espancamento, Freud ainda não havia trabalhado o vínculo mãe-filha e o papel decisivo que exerce na sexualidade feminina. Analisar o segundo tempo das fantasias de espancamento, levando-se em consideração a existência da fase pré-edípica, conduz à questão do recalque incidindo sobre o amor ao pai. Talvez seja preciso encontrar outra saída para a passagem do primeiro para o segundo tempo na construção dessas fantasias.

### **Erotomania e sexualidade feminina**

Embora não tenha escapado a Freud a importância do amor na vida erótica das mulheres, foi Lacan quem estreitou definitivamente a erotomania com a

sexualidade feminina. Elaboração presente desde o início de seu ensino, conforme o seguinte trecho: “Se a posição do sexo difere quanto ao objeto, é por toda distância que separa a forma fetichista da forma erotomaniaca do amor” (Lacan, 1958, p. 742). A forma fetichista se encontra articulada à sexualidade masculina, determinando o desejo do homem em direção a um objeto que compense sua renúncia ao objeto primordial, ou seja, para entrar no circuito de desejo esse objeto terá que estar revestido de determinadas condições.

Já a forma erotômana, característica da sexualidade feminina, há uma convergência do amor e do desejo para um mesmo objeto. É pertinente pensar que ter seu desejo dirigido ao pênis do parceiro conduz ao gozo fálico, pois o que sustenta esse desejo é a inveja do pênis. Mas esse gozo fálico nada impede a ela de se colocar como objeto de amor. Através das palavras de amor, o sujeito feminino tentaria escrever seu ser no campo do Outro, buscando, assim, o significante que lhe confira o estatuto de única, de eleita. Mas como as palavras nunca dizem tudo, elas têm de estar sendo sempre renovadas, re-alimentadas pela demanda de amor.

Em seu texto *Amor com-paixão, amor compulsão: pequeno ensaio sobre a paixão*, Besset (1998) identifica que em Freud a erotomania surge articulada à fórmula “gramatical” do delírio paranóico. Inicialmente, adquire a forma: “Eu não o amo, pois eu a amo”. O mecanismo da projeção produz uma reversão: “Eu noto que ela me ama”. Evoluindo para sua forma final: “Eu não o amo – eu a amo – porque ela me ama”. Segundo Besset:

Esta conjugação gramatical, transposta para o modo de amar no feminino, daria: “Eu não a amo, pois eu o amo” – troca imperativa, no feminino, do objeto de amor primeiro... “Eu não a amo – eu o amo – porque ele me ama”, diria respeito à relação com a mãe, denegada, mas presente na relação amorosa com o homem. (1998, p. 191)

Ao estabelecer essa relação, Besset adverte que não se trata de confundir a erotomania no campo da sexualidade feminina com a que acontece no delírio paranóico.

Seu objetivo consiste em demonstrar

... que é possível tomar o delírio como uma caricatura do que seria a função do amor para o sujeito no feminino. Ou seja, a de fornecer um complemento de ser a quem carece de significante para nomear o que escapa ao falo. (ibid.)

Em *Significação do falo*, Lacan propôs transformar o não ter em ser. Uma mulher pode vir a ocupar o lugar de falo para um homem, ou seja, ser o objeto de seu desejo. A questão da feminilidade ao se deslocar do ser castrada para ser o falo retira das mulheres o estigma da negatividade. Uma saída que comporta um certo risco, pois se tornam mais dependentes dos signos de amor vindos do objeto amado.

Eric Laurent (1999, p. 85) identifica nessa saída a possibilidade do sujeito feminino realizar, na sua relação com o parceiro, o potlatch amoroso.<sup>1</sup> Com esse termo, aponta para um caminho, freqüente entre as mulheres, em que, no anseio de suprir sua falta fálica, elas dão tudo para o homem amado, ou seja em nome do amor de um homem, são capazes de tudo perder. A mulher busca a palavra de amor supondo que essa palavra possa isolar um significante com o qual ela designe seu ser; ser esse forcluído do simbólico. É pela via do amor que se abre a perspectiva de se fazer toda, de encontrar uma nomeação justo ali onde o significante não responde. A demanda de amor é dirigida para o surgimento de algo que possa cumprir a função de suplência.

### O pai bate na criança que eu odeio

Durante a reconstrução dessa fantasia, foi possível identificar seu primeiro aparecimento pela frase: “o pai está batendo na criança que eu odeio”. Pertence a um período primitivo, anterior ao Édipo. Os sentimentos da menina em relação ao pai não estão ligados à mãe, ou seja, seu rival é um outro semelhante, uma outra criança. Essa fantasia dá vazão aos sentimentos de ciúmes da criança pequena, que exige exclusividade no amor. Qualquer um que se interponha entre ela e aquele a quem dirige sua demanda de amor é interpretado como um intruso e passa a ser alvo de seus sentimentos hostis e agressivos.

A mensagem veiculada pela frase “o pai bate no meu rival” chega à menina como ser amada pelo pai. Estranho modo de comunicar o amor a um outro. Ou, então, estranha é a interpretação que a menina concede a esse ato de seu pai, pois a resposta à demanda de amor não é dada na vertente da metáfora do amor que consiste no deslocamento do lugar de amado para amante, tal como Lacan desenvolveu em Seminário da Transferência.<sup>2</sup> A mensagem de “ser amado” que

1. Segundo a antropologia, na prática do Potlatch há demonstração de uma “compulsão para o prestígio” na qual se toma uma direção oposta a qualquer racionalização de custos materiais, ou seja, trabalha-se não pela riqueza ou pela posse em si de bens materiais, mas pelo prestígio que elas causam em seus competidores e mais ainda pela destruição das mesmas. O objetivo de um Potlatch é jogar fora ou destruir mais riquezas que o rival. “Se o oferente do Potlatch era um chefe poderoso, procurava humilhar seus rivais e ganhar eterna admiração de seus homens, destruindo alimentos, roupas e dinheiro”. (Cf. Harris, 1980). Nessa prática de poder não é o acúmulo de bens que dá prestígio.
2. Nesse seminário Lacan ao comentar o Banquete de Platão, extrai dos discursos dos convidados a fórmula da metáfora do amor. O amante é aquele que não tem, que está em falta, e o que ele oferece é sua falta ao amado. O amado, por sua vez, é aquele que tem, que guarda em si o objeto. Quando o amado sai dessa posição e se torna amante, ou seja, está em falta, e elege o amante em amado, amando sua falta, ocorre, então, a metáfora do amor.

chega até o sujeito passa por um semelhante sendo vítima de agressão. A explicação encontrada em Freud ressalta o fato de a criança, muito cedo, aprender que o bater possui a significação de desamor: ele (o pai) não ama a criança de que tenho ciúmes porque bate nela; ama a mim porque não é em mim que ele bate.

Pode-se inferir, com a ajuda de Lacan, que esse ciúme que desemboca numa tensão agressiva, sem fazer do Édipo seu depositário, origina-se na relação especular entre a criança e o outro; momento de constituição do eu. O estádio do espelho fornece a chave para compreender esse primeiro tempo da constituição da fantasia de espancamento. Esse momento de aparição do eu, afirmou Lacan, acontece em dois níveis: um, em relação à imagem e o outro na experiência de apreensão da linguagem.

No campo da linguagem, o eu nasce referido ao tu; mais precisamente para se diferenciar do tu. Isto quer dizer que a criança começa dizendo eu – apreende o momento em que, na linguagem, deverá se anunciar como eu –, porque o outro se manifesta. Já no campo da imagem, o eu se constitui como forma alienada na imagem do outro. Frente à sua própria imagem no espelho, a criança a toma como se fosse a de um outro. Para se identificar com ela, é necessário que se cumpram duas condições. Uma, é o consentimento do Outro confirmando que ela é essa imagem refletida no espelho. A outra é o investimento do olhar do Outro na criança reconhecendo-a como “um objeto real de certo desejo singularizado” (Morel, 2002, p. 81). O estádio do espelho se concretiza, portanto, no encontro do sujeito com uma imagem que assume como sua, com o aval do Outro.

A tese lacaniana desenvolvida no Seminário V indicou que o primeiro tempo da fantasia, ao estar referenciada ao estádio do espelho, leva a crer que a intervenção do significante surge antes do Édipo. O pai se faz presente aí não como um personagem, mas como uma função, como a função do Nome-do-Pai, uma vez que é capaz de produzir, no sujeito, uma significação: “meu pai me ama”.

Como é o significante que cria as condições de nomeação para o ser do sujeito – só se é nomeado a partir do simbólico –, o “ser amado” significa ser nomeado no campo do Outro. Raciocínio deduzido da seguinte passagem: “Meu pai não o(a) ama, eis o sentido da fantasia primitiva, e é isso que dá prazer ao sujeito – o outro não é amado, ou seja, não é estabelecido na relação propriamente significante” (Lacan, 1957-1958, p. 246). Seguindo essa lógica, recusar ao outro o amor do pai é anulá-lo, é deixá-lo sem o significante para nomear seu ser. A menina reconhece seu desejo de ser amada pelo pai, que significa ter seu ser nomeado no campo do Outro, na condição do outro ser anulado. Há a tensão agressiva entre o eu e o outro, decorrente da relação imaginária.

Se de um lado, há rivalidade com o outro, há do lado oposto, também a identificação com o outro. Segundo Lacan, a causa da transformação dessa fantasia na seguinte é que, entre o sujeito e o outro, presencia-se uma relação

fundamentalmente ambígua, levando o sujeito, por conseguinte, a ocupar na fantasia o lugar que, originalmente, era o do rival, acarretando uma inversão na mensagem: ela chegará até o sujeito com um sentido contrário.

Ao buscar se perguntar sobre os fatores determinantes para a passagem do primeiro para o segundo tempo, Freud reconheceu dois. Um deles, o recalque, incidindo tanto sobre o elemento amoroso para o pai e, portanto, incestuoso, quanto sobre o elemento agressivo. Para Freud o recalque se justifica nesse momento porque o segundo tempo já acontece no cenário edípico. O outro, o sentimento de culpa, recaindo sobre o elemento agressivo, força-o a regredir até a fase sádico-anal, transformando-o num impulso passivo: “o sentimento de culpa não pode descobrir um castigo mais severo de que a inversão desse triunfo: ‘Não, ele não ama você, pois está batendo em você’” (Freud, 1919, p. 236).

Segundo o explanado acerca da sexualidade feminina, é possível desenvolver uma terceira proposta para as transformações ocorridas entre o primeiro e o segundo tempos. Como o primeiro tempo não está no Édipo, é legítimo incluí-lo na fase pré-edípica, momento em que a menina é um menino na sua relação com a mãe, período caracterizado pelo gozo masturbatório do clitóris. Ao relembra em 1925 as fantasias de espancamento, Freud se referiu aos ciúmes que assumem grandes proporções na sexualidade feminina, pois seria “reforçado por parte da inveja do pênis deslocada” (ibid., 1925, p. 316). Está implícito nessa passagem que Freud reconhece que a descoberta da fase pré-edípica não justifica a presença do recalque como responsável pela transformação de “meu pai espanca o meu rival” em “meu pai me espanca”. Cabe ao sentimento de culpa efetuar essa mudança. Todos sabem que após a reformulação da teoria das pulsões, o sentimento de culpa se articula com a pulsão de morte.

No primeiro tempo, a demanda de amor ao pai está articulada à sua inscrição no campo simbólico. No segundo tempo, a demanda de amor ao pai está articulada à falta fálica da menina. Ao se desligar da mãe e se dirigir ao pai, fazendo-se objeto de seu amor, a menina anseia obter o que lhe falta.

### **O pai me espanca**

O “ser amada”, subjacente ao “ser espancada”, nesse segundo tempo, denuncia o elemento libidinal, erótico, presente nas situações em que o desprazer desencadeia satisfação. Segundo as elaborações freudianas acerca desse segundo tempo, o sentimento de culpa se expressa como “meu pai me espanca e eu gozo disso”. É uma frase que assegura ao sujeito que há uma quota de gozo reservada a ele, transmitida pelo pai. “Você me espanca” ganha a significação de que o sujeito

recebe do pai, de forma invertida, seu próprio gozo. É o que Lacan demonstrou ao dizer que “o você me espanca é aquela metade do sujeito cuja fórmula tem sua ligação com o gozo. Ele recebe sua própria mensagem de forma invertida – aqui isto quer dizer seu próprio gozo sob a forma do gozo do Outro” (Lacan, 1969-1970, p. 62). Se no primeiro tempo a presença do pai denuncia a relação do sujeito com o simbólico, no segundo ela denuncia o franqueamento do sujeito ao gozo, um gozo particularizado como resposta à demanda de amor ao pai. No primeiro tempo, está articulado ao Nome-do-Pai, um significante capaz de produzir significações. Já no segundo se apresenta como aquele que goza de um corpo.

Foi visto que a entrada da menina no Édipo se faz acompanhar de sentimentos de ódio em relação à mãe. Esses sentimentos hostis não se originam, exclusivamente, do fato de a mãe ser sua rival em relação ao pai, mas, principalmente por tê-la colocado no mundo como um ser em desvantagem. De acordo com esse desenvolvimento, é legítimo inferir que, na passagem do primeiro tempo para o segundo da fantasia de espancamento, há uma intensificação dos impulsos agressivos. Sendo assim, cabe perguntar se o sentimento de culpa, responsável pela transformação do “ser amada” em “ser espancada”, incide sobre os impulsos agressivos dirigidos à mãe ou ao outro semelhante tomado como rival?

Trabalhando sobre os possíveis destinos dos sentimentos hostis e agressivos desenvolvidos pela menina em relação à figura materna, Freud afirmou que ele pode sucumbir ao recalque e retornar numa parceria amorosa futura. Vale indagar se ele também não poderia retornar ao sujeito? É esse ódio que intensifica o sentimento de culpa, facilitando a transformação do “ser amado” em “ser espancado”? Segundo o modelo freudiano, o “ser amada” é um obstáculo à satisfação dos impulsos agressivos dirigidos ao outro, levando o sujeito em renunciar à sua satisfação. Mas isso não acalma a emergência de satisfação, conseqüentemente ele irá procurar outras vias para se satisfazer: retorna ao eu e torna-o seu objeto de satisfação.

A análise dessas fantasias de espancamento, até onde se foi possível chegar, conduz ao pensamento de que existem, em Freud, dois tipos de resposta para a falta fálica, passando pela demanda de amor ao pai. Uma delas resulta numa vertente simbólica: é a maternidade, na qual é possível a equação pênis = bebê. A outra desemboca na solução masoquista, na versão da fantasia de espancamento. Sabe-se que “tanto o jogo como a fantasia se situam no lugar de um real insuportável que tratam de transformar em prazer” (Morel, 2002, p. 85). É essa a finalidade dessas fantasias, a tentativa da menina de emoldurar um gozo sem fim, silencioso?

Ao se deparar com a satisfação masoquista nessas fantasias de espancamento, Freud, a princípio, debitou no elemento erótico do amor ao pai,

associado ao sentimento de culpa, a extração de gozo do sujeito. Mais tarde, verificou que há nelas um ponto irreduzível responsável pela impossibilidade de mudança nesse modo de satisfação. Reconheceu no masoquismo erógeno o obstáculo em reduzir essa fantasia à análise significativa. Há, aí, um resto não analisável. O que Freud descobriu nessas fantasias de espancamento foi um além do princípio do prazer, e o feminino próximo a esse gozo instalado no próprio campo do prazer.

## Referências

- ANDRÉ, S. (1987). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ASSOUN, P-L. (2003). *Le mosochisme*. Paris: Econômica.
- BESSA, G. (2004). *Congruência entre o masoquismo e a sexualidade feminina em Sigmund Freud*. Dissertação de mestrado, defendida em março/2004 na UFMG.
- BESSET, V. (1998). *Amor com-paixão, amor compulsão*: pequeno ensaio sobre a paixão. In: BESSET, V. (org.). *Paixões do ser*. Rio de Janeiro: Kalimeros.
- \_\_\_\_ (2001). *Amor e dor*: rima de gozo? Opção Lacaniana.
- Freud, S. (1892-1899). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 1.
- \_\_\_\_ (1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 1.
- \_\_\_\_ (1905). Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 7.
- \_\_\_\_ (1909). Fantasias históricas e suas relações com a bissexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 9.
- \_\_\_\_ (1910[1909]). Quarta lição. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 11.
- \_\_\_\_ (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. Contribuições à psicologia do amor I. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 11.
- \_\_\_\_ (1912). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. Contribuições à psicologia do amor II. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 12.
- \_\_\_\_ (1914). Narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras*

*Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 14.

\_\_\_\_ (1915). Repressão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 14.

\_\_\_\_ (1915). As pulsões e suas vicissitudes. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 14.

\_\_\_\_ (1917[1916-1917]). Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 16.

\_\_\_\_ (1919). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo das perversões sexuais. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 17.

\_\_\_\_ (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18.

\_\_\_\_ (1923). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19.

\_\_\_\_ (1923). Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19.

\_\_\_\_ (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19.

\_\_\_\_ (1924). O problema econômico do masoquismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19.

\_\_\_\_ (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 20.

\_\_\_\_ (1930[1929]). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 21.

\_\_\_\_ (1931). Sexualidade Feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 21.

\_\_\_\_ (1933[1932]). Conferência XXX: feminilidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22.

LACAN, J. (1958). A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_ (1958). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_ (1962-1963). *O seminário. Livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

- \_\_\_\_ (1964). *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- \_\_\_\_ (1969-1970). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- \_\_\_\_ (1971-1972). *O seminário. Livro 19. ...Ou pior*. Inédito.
- \_\_\_\_ (1972-1973). *O seminário. Livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- \_\_\_\_ (1975-1976). *O seminário. Livro 23. O sintoma*. Inédito.
- LAURENT, E. (1999). *Posiciones femininas del ser*. Colección Diva. Buenos Aires: Trêš Haches.
- MILLER, J.-A. (1998). *O osso de uma análise*. Salvador: Biblioteca-Agente.
- \_\_\_\_ (2000). A teoria do parceiro. In: *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. Rio de Janeiro: Contracapa.
- \_\_\_\_ (2002). *De la naturaleza de los semblantes*. Buenos Aires: Paidós.
- \_\_\_\_ (2003). Uma partilha sexual. *Clique, Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano*, 2, Belo Horizonte, EBP-MG.
- MOREL, G. (2002). *Ambigüidades sexuales, sexuación y psicosis*. Buenos Aires: Manantial.

## Resumos

*Aunque Freud, en 1919, en el texto "Pegan a un niño" tenía una intención de discutir la perversión masoquista, es posible acercarle en la articulación a la sexualidad femenina. La análisis de la fantasía de flagelación, principalmente la segunda vez de su construcción, tiene como intención explorar la manera que la satisfacción masoquista instala, en la sexualidad femenina, a partir del empalme entre la falta fálica y el complejo parental. Ése articulación instala una manera de la satisfacción de la pulsión en el inconsciente que dirige la opción amorosa de algunas mujeres. Levanta una hipótesis de el "ser flagelada" como una versión de la niña en su cuestión, dirigida al padre, sobre el que es ser una mujer.*

**Palabras claves:** Sexualidad femenina, fantasías de flagelación, satisfacción masoquista, falta fálica, erotomanía

*Quoique Freud, em 1919, dans le texte Un enfant est battu avait pour dessein de discuter la perversion masochiste, il est possible d'évoquer ce texte en articulation à*

*la sexualité féminine. L'analyse des fantasmas de fustigation, principalement dans la seconde phase de sa construction, avait pour objectif d'explorer comment la satisfaction masochiste s'installe dans la sexualité féminine, à partir d'une articulation entre l'absence phallique et le complexe paternel. Cette articulation installe un mode de satisfaction pulsionnelle dans l'inconscient qui oriente le choix amoureux de certaines femmes. Émettant l'hypothèse que le "être battu" est une version de petite-fille à la question, dirigée au père, sur ce que c'est que d'être une femme.*

**Mots clés:** Sexualité féminine, fantasmes de fustigation, absence phallique, satisfaction masochiste, érotomanie

*Although Freud, in 1919, in the text "A child is spanked" had an intention to argue the masochistic perversion, it is possible to approach it in joint to the feminine sexuality. The analysis of the beating fantasy, mainly the second time of its construction, has as intention to explore the way the masochistic satisfaction installs, in the feminine sexuality, from the joint between the phallic fault and the paternal complex. This joint installs a way of drive satisfaction in the unconscious that it directs the loving choice of some women. Raises a hypothesis of the "be spanked" as a version of the girl to her question, directed to the father, about what is to be a woman.*

**Key words:** Feminine sexuality, beating fantasies, masochism satisfaction, phallic fault, erotomania